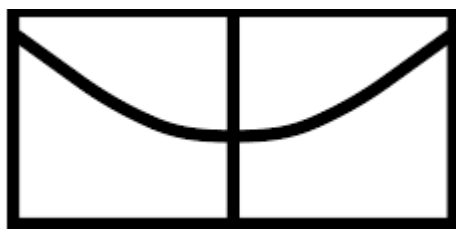


**Universidade de Brasília
Faculdade de Tecnologia
Departamento de Engenharia Florestal**

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DO USO E DIVERSIDADE DE PLANTAS
MEDICINAIS DO CERRADO COMERCIALIZADAS NAS FEIRAS POPULARES
EM SAMAMBAIA – DISTRITO FEDERAL.**

Estudante: Thiago Batista da Silva Rodrigues Costa
Orientador: Dr^a. Rosana de Carvalho Cristo Martins

Brasília, 2018



**Universidade de Brasília
Faculdade de Tecnologia
Departamento de Engenharia Florestal**

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DO USO E DIVERSIDADE DE PLANTAS
MEDICINAIS DO CERRADO COMERCIALIZADAS NAS FEIRAS POPULARES
EM SAMAMBAIA – DISTRITO FEDERAL.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Engenharia Florestal da Universidade de Brasília, como parte das exigências para obtenção do título de Engenheiro Florestal.

Brasília, 2018



**Universidade de Brasília
Faculdade de Tecnologia
Departamento de Engenharia Florestal**

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DO USO E DIVERSIDADE DE PLANTAS
MEDICINAIS DO CERRADO COMERCIALIZADAS NAS FEIRAS POPULARES
EM SAMAMBAIA – DISTRITO FEDERAL.**

Estudante: Thiago Batista da Silva Rodrigues Costa
Matrícula: 12/0023156
Menção: SS

RCC Martins

Prof. Dra. Rosana de Carvalho Cristo Martins
Universidade de Brasília – UnB
Departamento de Engenharia Florestal
Orientadora

Juliana Martins de M. Matos

Dra. Juliana Martins de Mesquita Matos
Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Agronomia e Veterinária
Membro da banca

Ildeu Soares Martins

Prof. Dr. Ildeu Soares Martins
Universidade de Brasília - UnB
Departamento de Engenharia Florestal
Membro da banca

Brasília, 2018

DEDICATÓRIA

*À Deus, minha família e amigos, pelo apoio incondicional,
força, incentivo e amor. Sem eles
nada disto seria possível.*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradecer só demonstra o quão vocês são importantes na minha vida e eu dependente do amor, carinho, afeto e aprendizado de todos vocês.

Agradeço a Deus o dom da vida e pelas conquistas até o momento.

Aos meus pais/avós Aldiran e Osmar, sou eternamente grato por todo amor e carinho sem medidas. Todo o meu crescimento acadêmico e pessoal, sou grato a vocês. Obrigado por tudo. Eu amo vocês com todo o meu coração.

À minha mãe Andreia, onde todos os momentos obtive apoio, pela sua companhia desde sempre nos momentos de alegria e tristeza. O fato de saber que estava presente, trouxe alívio para os dias difíceis. Te amo.

As minhas tias/irmãs Adriana e Alessandra que são sempre motivos de alegria e principalmente por me inspirarem a ser uma pessoa melhor. Obrigado por cumprirem os papéis de tias e principalmente de irmãs. Amo.

Ao meu irmão Kleber e meus primos Victor, Eric, Ana Clara, Adrielly e a nova Irmã Ana Júlia. Amo vocês todos.

Professora Dr. Rosana pela orientação durante o trabalho. Obrigado pela dedicação e todo o carinho prestado em todos os momentos do trabalho. Sou eternamente grato.

Agradeço a todos os professores desta universidade, por tamanha dedicação, principalmente aos docentes e equipe de funcionários do Departamento de Engenharia Florestal. Obrigado UnB.

Aos amigos de Graduação Cláudia Nobre, Sthefany Henrique (Teté), Gustavo Dutra, Katty Hellen, Luana Nunes e Klaus Rosaes, não poderia deixar de citar o nome de vocês. Obrigado por deixar os dias de minha graduação mais leve e por proporcionar todos nossos momentos de alegria e distração. Obrigado sem vocês eu jamais conseguiria chegar até aqui.

Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado sou grato. Em especial Gabriela Silva, Nalisson Carvalho, Raylson Alves, Ediluce Santos, Ana Cléia e Daniely Kris. Saibam que a amizade de vocês me fortalece e me faz entender que somos capazes de superar todas as barreiras da vida. Obrigado por tudo.

A todos da unidade EMATER - Ceilândia, sou grato pelos anos de aprendizagem como estagiário, onde tive o prazer de desenvolver profissionalmente.

A todos que contribuíram de forma diretamente e indiretamente.

Sou grato!

"Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas"

(A. S. Exupéry)

RESUMO

O uso de plantas medicinais é de grande importância para Brasil e o mundo. Esse tipo de prática atende uma diversidade populacional, principalmente aos menos favorecidos. Sendo assim, é evidente a necessidade de estudos como este sobre os saberes e práticas tradicionais do uso de plantas, em especial as medicinais. As feiras livres tornam-se um espaço de convivência social e de grande importância cultural, que retrata a diversidade de povos e comunidades locais. Os comerciantes de plantas medicinais desempenham um importante papel socioeconômico nas cidades, com a venda destes produtos. Este estudo objetivou um levantamento de plantas medicinais do Cerrado comercializadas pelos feirantes de Samambaia, Região Administrativa de Brasília, Distrito Federal. Foi utilizado um questionário com o intuito de buscar informações do perfil dos vendedores e conhecer as plantas medicinais vendidas em feiras livres e permanentes, verificando suas indicações terapêuticas, e procedência. Foram realizadas visitas aos feirantes em seus próprios estabelecimentos comerciais. Foram entrevistadas no total de 15 pessoas, 10 mulheres e 5 homens. Foram identificadas 28 espécies informadas pelos vendedores, destas 11 espécies são nativas do cerrado. As espécies mais representativas foram o Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.)), em seguida a Canela de Velho (*Miconia albicans*) e a Arnica (*Lychnophora ericoides* Mart.). A casca foi a parte predominantemente consumida, normalmente utilizada em infusão. Os dados levantados por esta pesquisa evidenciaram que os feirantes possuem um vasto conhecimento a respeito dos efeitos medicinais das plantas do Cerrado.

Palavras-chave: biodiversidade, cura, entrevistas, barbatimão, conhecimento tradicional.

ABSTRACT

The use of medicinal plants has great importance for Brazil and the world. This type of practice serves a diverse population, especially the less favored. Therefore, the importance of this study upon the traditional knowledge and practices to the use of plants. Free fairs become a space of social coexistence and of great cultural importance, where portrays the rooted diversity of people and local communities. Merchants of medicinal plants perform an important socioeconomic role in the cities, through the sale of these products. This study aimed at a survey of medicinal plants of Cerrado marketed by the fair dealers of Samambaia, Administrative Region of Brasília, Federal District. A questionnaire was used in order to obtain information from the sellers profile and to know the medicinal plants sold at free and permanent fairs, verifying their therapeutic indications and origin. Visits were made with the fair dealers in their own shops. Were interviewed a total of 15 people, 10 women and 5 men. Twenty - eight species reported by sellers were identified, of these 11 species are native of the Cerrado. The most representative species were Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* Mart.) reported by 8 of the 15 interviewed, followed by Canela de Velho (*Miconia albicans*) with 6 citations and Arnica (*Lychnophora ericoides* Mart.) with 4 citations. The bark was predominantly the part of plant more consumed, usually used by infusion. The data presented by this research showed that the fair dealers have a wide knowledge about the medicinal effects of the Cerrado plants.

Keywords: biodiversity, cure, interviews, barbatimão, traditional knowledge.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo Geral	13
2.2 Objetivos Específicos	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 Plantas Medicinais e o Saber Tradicional	13
3.2 Cerrado: Características e a Importância da Conservação	15
4 MATERIAIS E MÉTODOS	17
4.1 Caracterização da Área	17
4.2 Histórico da Região	17
4.3 Obtenção de Dados	19
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5.1 Perfil dos Vendedores Entrevistados	22
5.2 Caracterização do Material Comercializado	26
5.2.1 Partes mais utilizadas das Plantas	26
5.2.2 Nomes científicos das Plantas nativas do Cerrado	26
5.2.3 Uso, parte e formas de Utilização	27
5.2.4 Citações pela literatura bibliografica das Plantas Medicinais vendidas nas feiras populares de Samambaia	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
7 CONCLUSÃO	40
8 REFERÊNCIAS	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da Região Administrativa de Samambaia.....	19
Figura 2 – Imagem adaptada da distribuição das feiras de Samambaia - DF.....	20
Figura 3 – O percentual do gênero dos feirantes de Samambaia (DF) entrevistados.....	22
Figura 4 – Faixa etária dos feirantes de Samambaia (DF) entrevistados... ..	22
Figura 5 – O tempo que o feirante de Samambaia (DF) entrevistado trabalha com plantas medicinais.....	23
Figura 6 – Como o feirante entrevistado de Samambaia (DF) se reconhece.. ..	24
Figura 7 – Fonte de aprendizagem dos conhecimentos adquiridos pelos feirantes de Samambaia (DF) entrevistados.....	24
Figura 8 – Forma como o feirante de Samambaia (DF) entrevistado adquire o produto para venda.....	25
Figura 9 – Folhas de Arnica (<i>Lychnophora ericoides Mart.</i>).....	29
Figura 10 – Cascas de Aroeira (<i>Myracrodruon urundeuva</i>) . ..	30
Figura 11 – Cascas de Barbatimão (<i>Stryphnodendron adstringens</i>). ..	31
Figura 12 – Folhas de Canela de Perdiz (<i>Croton antispyhiliticus</i>).....	31
Figura 13 – Folhas de Canela de velho (<i>Miconia albicans</i>). ..	32
Figura 14 – Óleo de Copaíba (<i>Copaifera langsdorffii</i>). ..	33
Figura 15 – Folhas de Espinheira Santa (<i>Maytenus ilicifolia Reiss</i>). ..	34
Figura 16 – Cascas de Jatobá (<i>Hymenaea courbaril</i>).....	35
Figura 17 – Óleo de Pequi (<i>Caryocar brasiliense</i>). ..	36
Figura 18 – Raízes de Rabo de Tatu (<i>Centrosema bracteosum</i>). ..	37
Figura 19 – Sementes de Sucupira (<i>Pterodon pubescens Benth.</i>). ..	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Percentual de utilização das partes utilizadas das plantas medicinais pelos feirantes da Samambaia (DF) entrevistados.	26
Tabela 2 – Principais plantas medicinais do Cerrado comercializadas nas feiras de Samambaia (DF) e seus respectivos nomes científicos.	27
Tabela 3 – Plantas do cerrado comercializadas nas feiras populares de Samambaia e suas indicações, de acordo com o entendimento do vendedor entrevistado.....	28

1 INTRODUÇÃO

O cerrado brasileiro apresenta uma biodiversidade que oferece distintas possibilidades de aproveitamento sustentável (SHIKI et al., 1997). Os recursos vegetais assumem uma importância decisiva, pois, através dos séculos, a sua utilização por grupos humanos tem fornecido elementos primordiais para a manutenção da vida humana e de outros organismos.

A conservação dos ecossistemas tropicais envolve necessariamente alternativas de uso que permita retorno econômico; caso contrário, o imediatismo inercial continuará sendo a causa da devastação. Alternativas que propõem a obtenção de produtos que possam ser repostos pelo próprio ecossistema, num ciclo definido, podem possibilitar renda aos proprietários da terra e ao mesmo tempo, manter o equilíbrio desejado desses ecossistemas (REIS, 1996).

O Cerrado apresenta grande biodiversidade, com elevado número de espécies, sendo superior ao encontrado em outras regiões do planeta. Esta biodiversidade é tão rica que soma mais de sete mil espécies apenas da flora (MENDONÇA et al., 1998 apud KLINK; MACHADO, 2005). Grande parte destas espécies é endêmica do Cerrado, cerca de quarenta e quatro por cento da flora; sendo assim, o cerrado é a mais diversificada savana do mundo (RATTER et al., 2003 apud KLINK; MACHADO, 2005).

A grande exploração dos recursos do Cerrado tem provocado a extinção de várias espécies, tanto de animais quanto de plantas. Uma evidência desta exploração é que no Distrito Federal, onde várias famílias vivem do comércio de plantas nativas, umas das espécies já se encontra extinta e outras 30 espécies estão ameaçadas de extinção (KLINK; MACHADO, 2005).

Estudos etnoecológicos são de extrema importância para compreensão das interações entre os seres humanos e o ambiente natural, enfatizando as relações do conhecimento entre as populações e seus ambientes, baseados principalmente nas experiências de gerações passadas. A Etnobotânica inclui todos os estudos concernentes à relação mútua entre populações tradicionais e as plantas. Apresenta, como característica básica de estudo, o contato direto com as populações tradicionais, procurando uma aproximação e vivência que permitam conquistar a confiança das mesmas; resgatando, assim, todo conhecimento possível sobre a relação de afinidade entre o ser humano e as plantas de uma comunidade (COTTON apud FRANCO; BARROS, 2006)

Pesquisas nesta área podem subsidiar trabalhos sobre uso sustentável da biodiversidade, através da valorização e do aproveitamento do conhecimento empírico das sociedades humanas, a partir da definição dos sistemas de manejo, incentivando a geração de conhecimento científico e tecnológico voltados para o uso sustentável dos recursos naturais (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004). O emprego de plantas medicinais para a manutenção e a recuperação da saúde tem ocorrido ao longo dos tempos, desde as formas mais simples de tratamento local até as formas tecnologicamente sofisticadas de fabricação industrial. Em ambos os casos, o ser humano percebeu, de alguma forma, a existência de algo nas plantas que tem a propriedade de provocar reações benéficas ao seu organismo (LORENZI; MATOS, 2008).

O uso popular de plantas medicinais é uma arte que acompanha o ser humano desde os primórdios da civilização, sendo fundamentada no acúmulo de informações repassadas oralmente através de sucessivas gerações. Ao longo dos séculos, os produtos de origem vegetal constituíram a base para tratamento de diferentes doenças no mundo (PHILLIPS; GENTRY apud FRANCO; BARROS, 2006). As plantas medicinais tem seu uso descrito por praticamente todos os povos, desde os tempos mais remotos. A partir dos conhecimentos tradicionais do uso das plantas medicinais, na busca da solução de algum mal-estar ou a cura de alguma doença, surgiram interesses comerciais e científicos (SANSEVERINO et al., 2001).

Considerando a grande biodiversidade que o Brasil detém, torna-se necessária a realização de estudos que relatem a diversidade biológica de cada complexo vegetacional, as interrelações e a qualidade de vida dos seres vivos presentes (RODRIGUES; CARVALHO, 2007). Identificar e registrar as espécies medicinais encontradas no Cerrado se tornou, nos últimos anos, importante tarefa da pesquisa científica, uma vez que com informações da medicina popular e/ou tradicional pode-se verificar a potencialidade de exploração de espécies de forma sustentável, garantindo a preservação do bioma (MARONI et al., 2006). A identificação de espécies medicinais no bioma Cerrado representa inesgotável fonte de informações para a seleção de espécies vegetais a fim de realizar estudos farmacológicos, químicos e toxicológicos, potenciais para a produção de fitoterápicos ou fitofármacos (MARONI et al., 2006).

Apesar de diversos estudos etnobotânicos retratarem o uso de plantas medicinais em diferentes regiões brasileiras, pouco foi investigado em áreas do bioma Cerrado (SILVA; PROENÇA, 2008), especialmente no Distrito Federal. Assim, o objetivo principal desse

trabalho é o levantamento das espécies utilizadas com fins medicinais pela população de Samambaia, Distrito Federal; identificá-las botanicamente; determinar o uso terapêutico; a enfermidade envolvida; a parte da planta utilizada e a forma de manipulação destas espécies. Mesmo com o advento dos medicamentos industrializados, o interesse pelas plantas medicinais voltou a crescer, embora seja limitada a literatura a este respeito, particularmente no Distrito Federal.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Efetuar o levantamento das espécies medicinais do cerrado comercializadas nas feiras populares de Samambaia, Distrito Federal.

2.2 Objetivos Específicos

- ✓ Listar as espécies de plantas comercializadas;
- ✓ Identificar formas de uso para as espécies mais procuradas;
- ✓ Caracterizar faixa etária e gênero do público que mais utiliza e se beneficia das plantas medicinais.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Plantas Medicinais e o saber tradicional

Desde os primórdios da existência humana, os homens buscam na natureza recursos para melhorar suas próprias condições de vida, aumentando suas chances de sobrevivência. Tal interação é fortemente evidenciada na relação entre seres humanos e plantas, uma vez que os usos dos recursos vegetais são diversos e importantes, como é o caso da alimentação e das finalidades medicinais, bem como a construção de moradias e a confecção de vestimentas (BALICK; COX, 1997).

O uso de planta para tratamento, cura e prevenção de doenças é uma das mais antigas práticas medicinais da humanidade. No início da década de 1990, a Organização Mundial

de Saúde (OMS) divulgou que entre 65-80% da população dos países em desenvolvimento dependiam das plantas medicinais como única forma de acesso aos cuidados básicos de saúde (AKERELE, 1993). Vários países desenvolvem pesquisa na área de produtos naturais com o objetivo de isolar novas substâncias bioativas, que agem como antifúngicos, antimicrobianos, anti-inflamatórios, antioxidantes e antitumorais (HARVEY, 2008).

As populações dos países mais pobres utilizam as plantas medicinais por tradição e ausência de alternativas econômicas viáveis, nos países desenvolvidos essa prática está relacionada com o modernismo de consumo de produtos naturais. É interessante notar que as populações que utilizam as plantas medicinais acreditam que elas não representam quaisquer riscos para a saúde humana, por serem naturais. (VEIGA JUNIOR, 2008)

A grande procura da população por fitoterápicos consiste na utilização dos produtos naturais como terapias menos agressivas comparadas aos tratamentos convencionais invasivos, sendo também produtos de baixo custo e de fácil acesso, que desperta o interesse populacional (YUNES; PEDROSA; FILHO; 2001). A fitoterapia e o uso de plantas medicinais fazem parte da prática da medicina popular, constituindo um conjunto de saberes internalizados nos diversos usuários e praticantes, especialmente pela tradição. Esta prática diminuiu frente ao processo de industrialização, ocorrido no país, nas décadas de 1940 e 1950 (BRAGANÇA, 1996).

Nesse contexto, a etnobotânica é a ciência que analisa e estuda as informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas. É através dela que se mostra o perfil de uma comunidade e seus usos em relação às plantas, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades, visando extrair informações que possam ser benéficas sobre usos de plantas medicinais (MARTINS et al., 2005).

As plantas medicinais, para muitas comunidades e grupos étnicos apresentam-se como o principal ou único recurso terapêutico, sendo o seu uso atribuído ao tratamento e a cura de enfermidades. Nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e são cultivadas nos quintais das casas (MACIEL, 2002). Para as populações tradicionais, o uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de pais para filhos (DIEGUES, 1996).

O estudo dos usos das plantas medicinais deve levar em consideração o contexto social e cultural no qual estes estão encaixados (HERRICK, 1983; ELISABETSKY, 1986; ETKIN, 1988; 1990). Há uma carência muito grande de levantamentos etnobotânicos e de

potencial extrativista no Cerrado (FELFILI et al., 1998), mas, grande parte da flora do Cerrado tem sido amplamente explorado pelo conhecimento popular e, nos últimos anos, vem crescendo seu aproveitamento, de forma sistematizada, através de associações comunitárias, produzindo medicamentos tais como: pomadas, xaropes, soluções tópicas cicatrizantes e fungicidas, soluções e comprimidos para tratamento de vermes, entre outros.

No entanto, a degradação ambiental e a inserção de novos elementos culturais nos sistemas de vida tradicionais ameaçam o acervo empírico e o patrimônio genético relacionado a diversas espécies, incluindo as plantas medicinais, para as futuras gerações (PINTO et al., 2002), em especial no Cerrado. A composição do cenário exuberante de diversidade biológica é influenciada pelo arcabouço cultural das populações que nele vivem (VILA VERDE et al., 2003).

3.2 Cerrado: características e a importância da conservação

O Cerrado é o segundo maior bioma do Brasil, único em suas características, com uma grande diversidade biológica, ocupa mais de 200 milhões de hectares, cerca de 30% do território brasileiro, abrangendo os estados de Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, Tocantins, Piauí, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, e parte dos estados do Paraná, Bahia, Ceará, Maranhão, Rondônia, Roraima, Amazônia, Pará e São Paulo (DIAS, 1992; MENDONÇA et al., 1998; RODRIGUES; CARVALHO, 2001; GUARIM NETO; MORAIS, 2003; MACHADO et al., 2004).

O Cerrado brasileiro apresenta uma área de aproximadamente dois milhões de quilômetros quadrados, ocupando a região central da América do Sul. De sua área total, cerca de 20% permanece sem nenhuma interferência humana, e 1,5% está protegida em áreas de conservação (RODRIGUES, 2005). Atualmente, o Cerrado é considerado um dos 25 locais no planeta que apresenta alta biodiversidade (*hotspot*), e um dos mais ameaçado, com cerca de 50% das espécies de animais e vegetais comprometidas. Também pelo menos 75% das espécies de animais terrestres encontram-se criticamente em perigo e vulneráveis. O Cerrado possui cerca de 7 mil espécies de angiospermas, onde 10% ainda não foram classificados e o bioma nas diferentes regiões possui deficiente registros de espécies vegetais (PAGOTTO et al., 2006). A degradação do Cerrado implica, portanto, na perda de biodiversidade e, por consequência, de inúmeras espécies, já identificadas ou ainda por serem catalogadas, com importantes propriedades medicinais.

Apesar da importância ecológica e econômica, o Cerrado está sendo gradativamente devastado, devido às formas de ocupação e utilização dos recursos naturais de maneira desordenada, que o levam a um processo de degradação sem precedente (PIRES; SANTOS, 2000). Caso não sejam tomadas medidas racionais urgentes de aproveitamento, o Cerrado pode desaparecer por completo até 2030 (MACHADO et al., 2004). O ritmo acelerado desta ação antrópica nas últimas décadas tem levado à perda de material genético vegetal nativo, praticamente desconhecido do ponto de vista científico (VIEIRA; MARTINS, 2000). Tal aspecto evidencia a necessidade de estudos voltados à identificação de plantas potencialmente úteis do Cerrado, principalmente quando comparada à diversidade e à área ocupada.

O Cerrado possuía 1.783.200 km² de extensão original de vegetação primária, e atualmente possui apenas 356.630 km² remanescentes, ou seja, ainda restam 20% da vegetação original, sendo que 80% já foram convertidas pelos diversos tipos de usos da terra; e apenas pouco mais de 6% desses remanescentes estão protegidos em unidades de conservação (PINTO; DINIZ FILHO, 2005). O desmatamento do Cerrado traz graves consequências para as comunidades locais, por exemplo, a falta de água, perda da biodiversidade, erosões, enchentes, entre outros. Uma das consequências mais comuns é a compactação do solo, o que dificulta a infiltração da água no mesmo, impossibilitando o reabastecimento dos lençóis freáticos. Esses problemas ambientais levam, conseqüentemente, à diminuição da vazão das nascentes, córregos e rios da região; o impacto das chuvas no solo aumenta consideravelmente, erodindo os solos e assoreando os rios (KLINK; MACHADO, 2005).

Estima-se que sete mil espécies vegetais sejam encontradas no Cerrado, dentre as quais duzentos e setenta são usadas na medicina popular. A maioria das plantas utilizadas na medicina popular ainda não foi estudada cientificamente, mas acredita-se que mesmo as espécies ainda não utilizadas contenham substâncias biologicamente ativas para o tratamento de doenças (VIEIRA; MARTINS, 2000). Com a destruição do Cerrado, a população que depende dele para sobreviver, passa a ser excluída e marginalizada. O conhecimento de certas plantas desta vegetação, por parte da população, permite a extração de folhas de palmeiras para o fabrico de peneiras e cestos e, de madeira para peças de artesanato, e os frutos servem para doces e geleias. O modo de vida, essencialmente rural, determinado pelo cotidiano e pelas práticas culturais, pelas percepções da natureza e pela fragilidade econômica dos pequenos agricultores passa a ser ameaçado (ALMEIDA, 2005).

Mudanças começam a ser sentidas, perceptíveis na afirmação de povos tradicionais e populações rurais de que muitas espécies nativas de cerrado estão se tornando difíceis de serem encontradas, seja pela destruição dos habitats para formação de pastagens ou expansão urbana, seja pela sua inacessibilidade, devido à apropriação e cercamento das terras por indivíduos estranhos às comunidades. Também, a “modernização” traz consigo novas opções de cuidados com a saúde e certa desvalorização da cultura local. Com isso, os jovens, grupo mais sensível, tendem a desconsiderar ou abandonar as práticas tradicionais, as relações com a roça e com a mata de galeria, festas, danças e crenças (RIBEIRO et al., 2009).

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 Caracterização da Área

A área de estudo escolhida para a realização deste estudo é a Região Administrativa de Samambaia, localizada no Distrito Federal a 25 km de Brasília. Levando em consideração o tamanho do Distrito Federal (5.802 km²), a coleta de dados foi realizada apenas em uma Região Administrativa, com grande representatividade no DF, pois é exemplo da expansão urbana sobre o meio natural.

4.2 Histórico da Região

O surgimento da Região Administrativa (RA) de Samambaia resultou das diretrizes adotadas no Plano Estrutural de Organização Territorial – PEOT, elaborado em 1978, que determinava vetores de ampliação das áreas urbanas em decorrência do rápido crescimento populacional do DF e da consequente demanda habitacional. Em 1981, elaborou-se o estudo preliminar - Projeto Samambaia, implementado oficialmente em 1982. Em 1988, foram construídas 3.381 casas financiadas pelo Banco Nacional destinadas às famílias de baixa renda. Mas, no período de 1989 a 1992, a localidade foi ocupada por um grande contingente populacional oriundo de invasões, cortiços e inquilinos de fundo de quintal, em consequência do grande fluxo migratório, à época. (CODEPLAN, 2013)

O local escolhido para implantação da RA pertencia ao Núcleo Rural de Taguatinga, formado por um conjunto de chácaras, que começou a ser desapropriado, posteriormente, para permitir a sua expansão. O nome da RA originou-se da associação ao nome do córrego

que corta a região, cuja nascente se encontra logo abaixo das quadras residenciais 127 e 327 onde eram encontradas, em abundância, a planta “samambaia”. (CODEPLAN, 2015)

Com o intuito de assentar um grande contingente populacional de famílias oriundas de invasões, cortiços e inquilinos de fundo quintal, vindas de diversas partes do país para o Distrito Federal, a cidade de Samambaia – DF foi criada. Oficialmente fundada no dia 25 de outubro de 1989, através da lei 49/89 e decreto 11.291, Samambaia tornou-se a 12ª Região Administrativa do Distrito Federal (DF) – RA XII; desde então, a região vem passando por um intenso período de urbanização (CODEPLAN, 2015).

Samambaia possui cerca de 61.480 domicílios urbanos e uma população estimada em 220.806 pessoas. Do total de habitantes da RA XII, 22,32% têm até 14 anos de idade e 68,40 % de 15 e 59 anos. No que concerne à origem de sua população, 52,91% dos moradores da cidade são naturais do próprio DF. A outra parcela dos habitantes é composta por migrantes, em sua grande maioria oriundos do Nordeste, cerca de 63,03%. Quanto à participação dos estados, Minas Gerais, com 14,02%, seguido do Maranhão (13,88%), Goiás (13,74%) e Bahia (13,25%), são os que possuem maior representatividade. Assim como ocorre em todo DF, a pluralidade dos habitantes que compõem a região promoveu uma grande diversidade cultural. Ainda ao que se referem à cultura da região, os movimentos culturais sendo eles fixos ou itinerantes, estão presentes por toda a cidade, auxiliando na integração da comunidade. (CODEPLAN, 2015)

Sobre os aspectos econômicos de Samambaia, impulsionado principalmente pela construção civil, que permitiu que a cidade deixasse de ser apenas um assentamento, o comércio e serviços locais se desenvolveram e atualmente encontram-se consolidados. A economia da cidade é independente, oferecendo os mais variados tipos de lojas, bens e serviços. A área está dividida em dois setores: Norte e Sul, a Área Isolada Guariroba e o Núcleo Rural Tabatinga, lotes 49 a 64. Em 1996, o Setor de Mansões Leste (SML) foi desmembrado de Samambaia, passando a integrar a RA III – Taguatinga (Figura 1) (CODEPLAN, 2015).



Figura 1: Localização da Região Administrativa de Samambaia. Fonte: Codeplan, 2015.

As feiras populares são importantes pontos de comércio, para onde converge uma considerável quantidade de pessoas e de produtos provenientes de outras localidades, principalmente do meio rural. Além do seu viés econômico, ela também possui uma importância sociocultural, em uma cidade com diferentes migrantes. As feiras populares da Samambaia são bastante comuns, estão divididas entre feiras livres e permanentes. Nessas feiras é possível obter vários tipos de eletrônicos, artesanatos, além de frutas, verduras e as plantas medicinais.

4.3 Obtenção de Dados

A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas com os comerciantes de plantas medicinais no seu próprio local de vendas, ou seja, banca, residência ou estabelecimento comercial, na RA de Samambaia – DF, entre os períodos de Maio e Junho de 2018.

As feiras populares são distribuídas por toda a cidade de Samambaia (Figura 2), todas as feiras estão listadas abaixo:

- ✓ Feira Permanente da QN 210, Samambaia Norte – Horário de Funcionamento: Domingo a Terça Feira de 08:00 h às 18:00 h.
- ✓ Feira Permanente da QN 202, Samambaia Norte - Horário de Funcionamento: Domingo a Terça Feira de 08:00 h às 18:00 h.
- ✓ Feira Livre da QR 510, Samambaia Sul - Horário de Funcionamento: aos Domingo 07:00 h às 13:00 h.
- ✓ Feira Livre da QN 313, Samambaia Sul - Horário de Funcionamento: aos Domingo 07:00 h às 13:00 h.
- ✓ Feira Livre da QN 421, Samambaia Norte - Horário de Funcionamento: aos Domingo 07:00 h às 13:00 h.



Figura 2: Imagem adaptada da distribuição das feiras de Samambaia - DF. Fonte: Google Earth 2018

Os feirantes foram entrevistados em seus próprios estabelecimentos localizados na Região Administrativa de Samambaia. Para as entrevistas, foi aplicado um questionário etnobotânico (Anexo 1), adaptado a partir do proposto por Albuquerque; Hanazaki (2006), a respeito de quais informações são relevantes para um levantamento etnodirigido. O questionário foi adaptado com palavras mais simples, devido à maioria dos vendedores não conhecer nomes científicos de plantas.

Os entrevistados foram questionados sobre o conhecimento de plantas medicinais, especificamente, foram feitas perguntas em cinco etapas, divididos em 16 perguntas: I. Apresentação; II. Identificação do colaborador; III. Perfil do mercado; IV. Registro das plantas mais vendidas; V. Informações adicionais sobre o colaborador.

O roteiro da entrevista continha questões sociais, mas especificamente questões sobre o nome popular das plantas, a forma de preparo, e as partes utilizadas. As entrevistas ocorreram na feira livre, local onde os feirantes estavam comercializando as espécies, aonde foram também efetuados registros fotográficos. Os dados obtidos foram analisados a partir do discurso dos entrevistados, posteriormente foram apresentados por meio de figuras, quadros e tabelas. Todos os entrevistados vendem produtos tais como mudas raízes, cascas, sementes, folhas, flores, xaropes, garrafadas e compostos fitoterápicos. Como critério de inclusão da amostra, o feirante deveria necessariamente vender plantas vivas ou partes de plantas como cascas, raízes e compostos, e aceitar participar da entrevista.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas durante o atendimento ao público. As plantas citadas nas entrevistas foram fotografadas e identificadas com nome popular, científico e indicação. A identificação das plantas citadas foi obtida através de nomes vulgares e por consultas a especialistas, herbários (UnB), trabalhos científicos sobre plantas medicinais, artigos publicados em periódicos, entre outros. O levantamento realizado com os especialistas locais pode ser considerado representativo, uma vez que estes informantes são reconhecidos pela população local como bons detentores do conhecimento sobre plantas e cultivo das mesmas.

O questionário tem como objetivo identificar quais são as plantas mais utilizadas pela população da RA de Samambaia. Após esse estudo, foi possível identificar as espécies do Cerrado mais utilizadas na medicina alternativa e suas funções. Todos os questionários, conversas e observações foram registrados em um diário de campo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os entrevistados, obedecendo ao critério para participar da pesquisa onde deveriam vender plantas vivas ou partes das plantas como cascas, raízes e compostos, foram encontrados em apenas 4 das 5 feiras que foram visitadas. Foram entrevistadas 15 (quinze) pessoas, 10 mulheres e 5 homens e cada um é responsável por apenas uma banca de feira.

5.1 Perfil dos vendedores entrevistados:

Resultados obtidos na pesquisa de campo sobre o perfil dos vendedores das feiras de Samambaia encontram-se nas Figuras 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

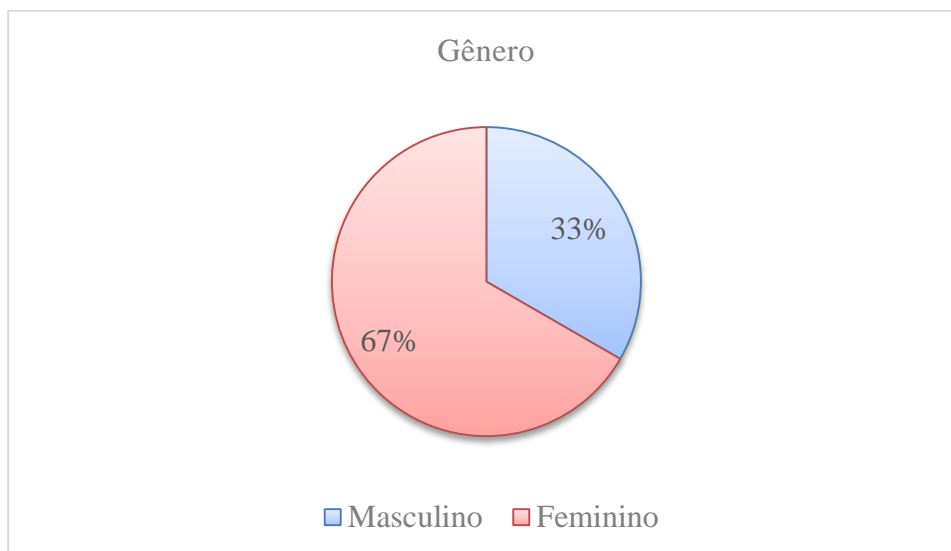


Figura 3: O percentual do gênero dos feirantes de Samambaia (DF) entrevistados. Fonte: Autor

De acordo com a Figura 3, observa-se que a maioria dos vendedores de plantas medicinais da região é composta por mulheres 67% (10) e os outros 33% (5) composto por homens. A predominância de mulheres foi observada por muitos autores (AMOROZO 1996; JOSHI e JOSHI 2000; VIERTLER 2002; BORBA e MACEDO 2006).

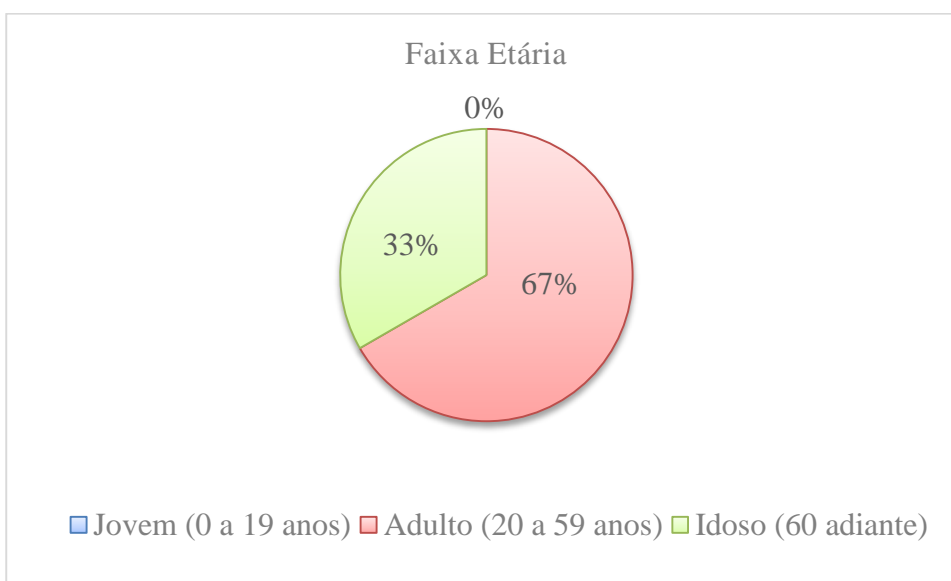


Figura 4: Faixa etária dos feirantes de Samambaia (DF) entrevistados. Fonte: Autor

A respeito da faixa etária dos entrevistados (Figura 4), 67% (10) são considerados adultos, entre 20 a 59 anos; 33% (5) têm acima de 60 anos. Não foi entrevistado nenhum feirante entrevistado abaixo de 19 anos. Foi observado que pessoas mais idosas, com idade acima de 50 anos, detinham maior conhecimento sobre as plantas medicinais, esses resultados corroboram com os trabalhos Phillips e Gentry (1993).

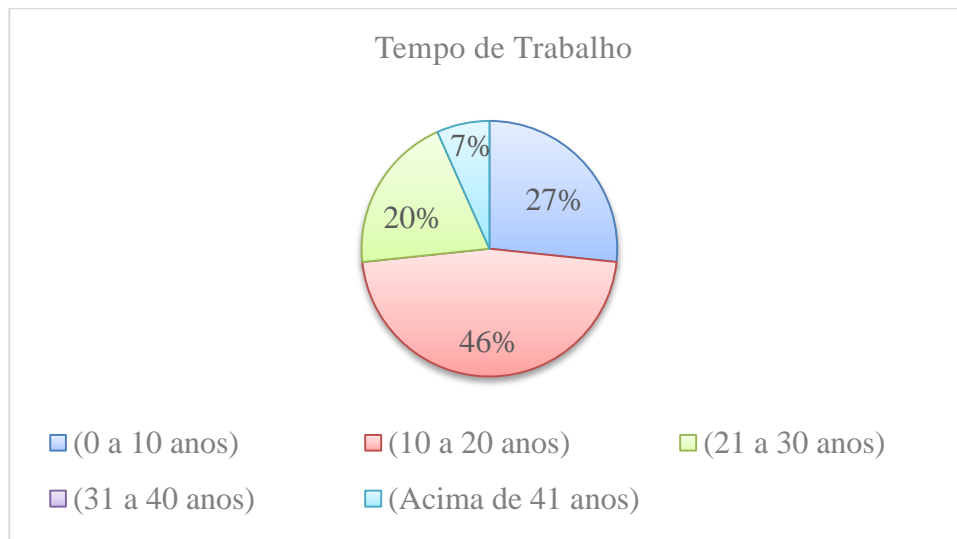


Figura 5: O tempo que o feirante de Samambaia (DF) entrevistado trabalha com plantas medicinais. Fonte: Autor

O tempo de experiência com plantas medicinais (Figura 5) dos feirantes entrevistados da cidade de Samambaia (DF) dá credibilidade para a pesquisa, já que demonstra o repasse de conhecimento de gerações para geração. Em relação ao tempo de conhecimento, 46% (7) têm entre 10 e 20 anos de experiência, 27% (4) têm apenas até 10 anos, 20% (3) têm entre 21 e 30 anos e apenas 7% (1) tem acima de 41 anos de conhecimento do uso de plantas medicinais.

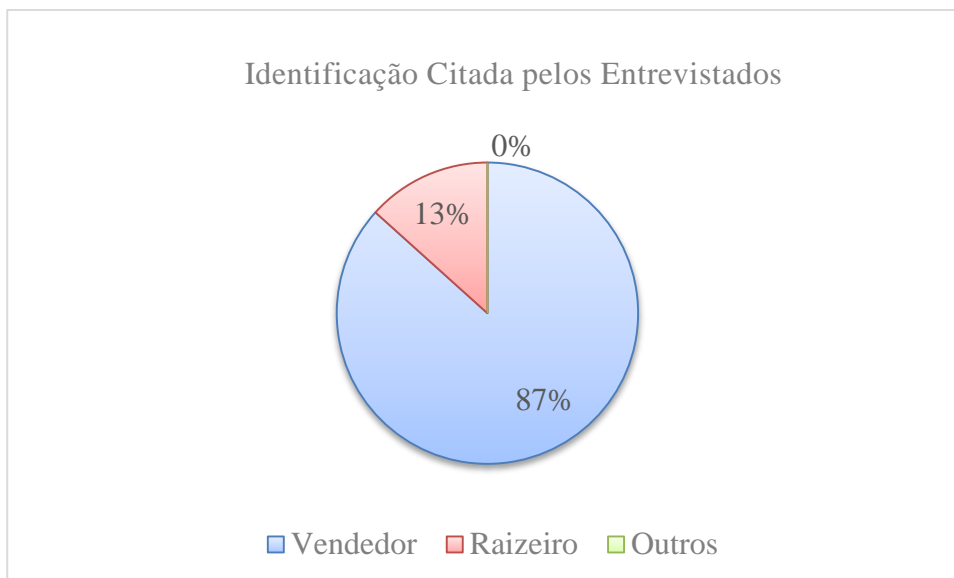


Figura 6: Como o feirante entrevistado de Samambaia (DF) se reconhece. Fonte: Autor

Questionados sobre como profissionalmente os feirantes da Samambaia se reconhecem (Figura 6), verifica-se que 87% (13) consideram-se comerciantes ou vendedores, apenas 13% (2) dos entrevistados se intitulam raizeiros. Nenhuma outra citação foi ouvida.

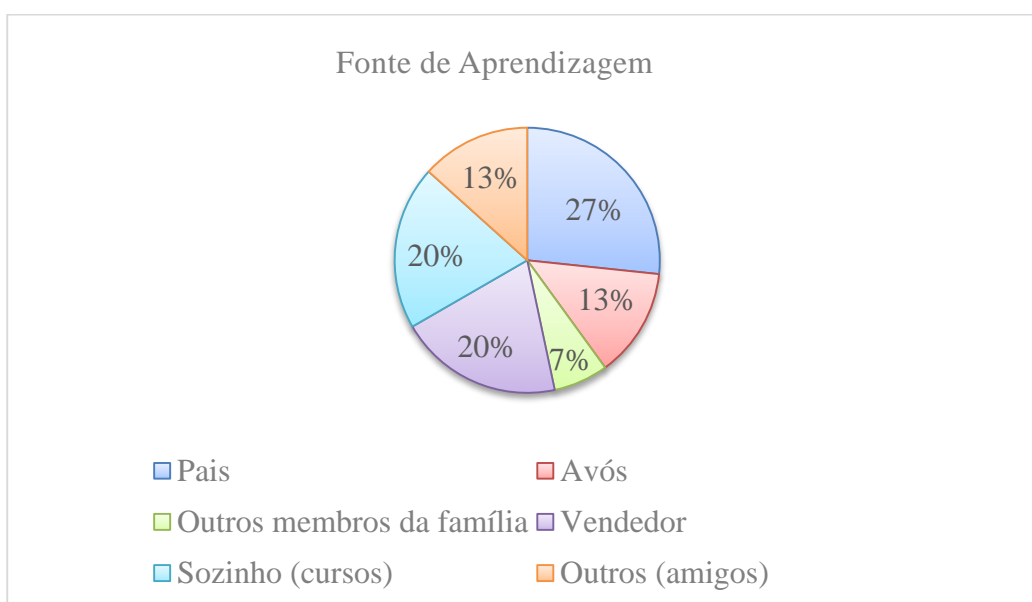


Figura 7: Fonte de aprendizagem dos conhecimentos adquiridos pelos feirantes de Samambaia (DF) entrevistados. Fonte: Autor

Com base na Figura 7, observa-se que os conhecimentos sobre plantas medicinais dos feirantes de Samambaia foram adquiridos principalmente dentro da própria família com 40% (6), sendo os conhecimentos transmitidos pelos pais ou avós; 20% (3) aprenderam com outros vendedores, já que esses são apenas revendedores de plantas medicinais; 20% (3)

aprenderam sozinhos com o passar do tempo, evidenciando que no comércio de plantas medicinais existe uma troca de conhecimentos entre cliente e comerciante (vendedor). Milliken e Albert (1996) em seu estudo, apontou que o conhecimento de plantas medicinais era transmitido principalmente por mães e avós.

Segundo Amorozo (1996), o principal modo de transmissão do conhecimento, em sociedades tradicionais é o oral e esta transmissão entre gerações requer contato intenso e prolongado dos membros mais velhos com os mais novos da sociedade. Apesar de a herança cultural ter sido a maior fonte de aprendizagem a respeito de plantas com utilização medicinal, existe um grande interesse por parte dos entrevistados em adquirir maiores informações sobre o uso e cultivo das mesmas, que invariavelmente recorrem a fontes externas como livros, revistas e cursos de extensão promovidos por instituições de ensino privado e público que apresentam forte influência no conhecimento da população local

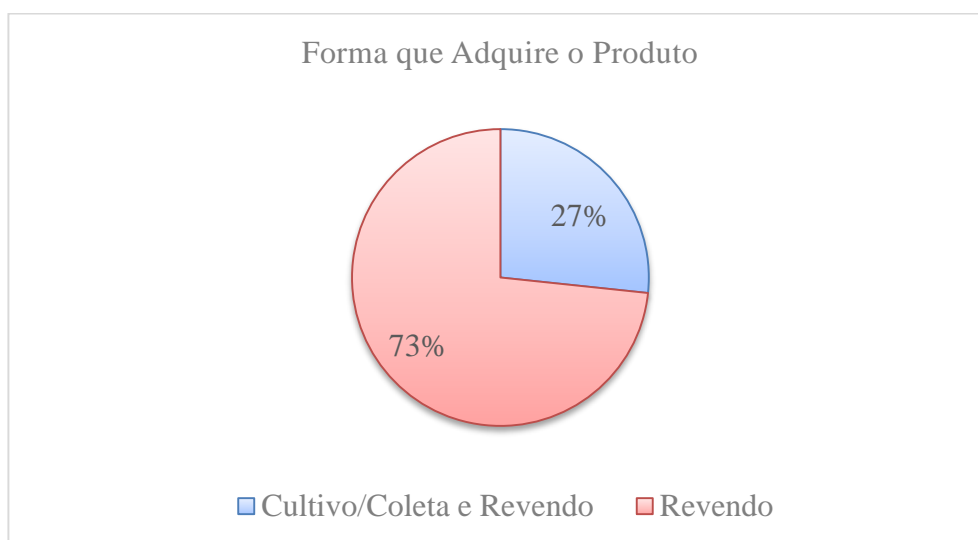


Figura 8: Forma como o feirante de Samambaia (DF) entrevistado adquire o produto para venda. Fonte: Autor

A principal forma de aquisição dos produtos para a venda por parte do feirante da Samambaia (DF) entrevistado, de acordo com a Figura 8 é a revenda, sendo o feirante apenas mercador (73% ou 11 entrevistados); enquanto 27% (4) são feirantes mercadores e produtores, estando estes de alguma forma envolvidos com a produção ou exploração das plantas medicinais.

5.2 Caracterização do material comercializado:

5.2.1 Partes mais utilizadas das plantas:

Em relação às partes utilizadas das plantas citadas pelos feirantes da Samambaia (DF) entrevistados destacam-se: folha, raiz, casca, semente e óleo, como é possível observar na Tabela 1.

Tabela 1: Percentual de utilização das partes utilizadas das plantas medicinais pelos feirantes da Samambaia (DF) entrevistados.

Partes Utilizadas	%
Folha	21%
Raiz	14%
Casca	57%
Semente	5%
Extratos	3%

Para a consulta apresentada na Tabela 1 foram utilizados apenas dados de espécies nativas do cerrado. A parte mais utilizada das referidas plantas é a casca, sendo responsável por 57% das indicações para alguma forma de tratamento medicinal; seguido das folhas das plantas, com 21%. Resultados semelhantes são encontrados no trabalho de Albuquerque e Andrade (2002) a casca é normalmente mais utilizada devido ao maior período de oferta destes recursos.

5.2.2 Nomes Científicos das Plantas Nativas do Cerrado

Questionados sobre as cinco plantas mais vendidas e suas respectivas indicações terapêuticas, foram citados pelos feirantes da Samambaia (DF) entrevistados um total de 28 plantas medicinais, destas 11 espécies são nativas do cerrado, como se observa na Tabela 2.

Tabela 2: Principais plantas medicinais do Cerrado comercializadas nas feiras de Samambaia (DF) e seus respectivos nomes científicos.

Nome Popular	Nome Científico
Arnica	<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. All.
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville
Canela de Perdiz	<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.
Canela de velho	<i>Miconia albicans</i> (SW.) Triana
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.
Espinheira Santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> Reiss
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.
Rabo de Tatu	<i>Centrosema bracteosum</i> Benth.
Sucupira	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.

5.2.3 Uso, parte e forma de utilização das Plantas

Os entrevistados tem uma percepção acerca das propriedades medicinais das plantas, formas de utilização e das partes utilizadas, de modo que algumas abordagens mostram diferentes formas de utilização e partes utilizadas sobre a mesma espécie. Quando, no questionário, foi questionado o motivo de utilização da parte das plantas, um dos entrevistados respondeu:

“No interior não tem farmácia, só tem casca de pau” (Feirante 7)

Tabela 3: Plantas do cerrado comercializadas nas feiras populares de Samambaia e suas indicações, de acordo com o entendimento do vendedor entrevistado.

Nome Popular	Nome Científico	Parte Usada	Uso	Modo de Preparo
Arnica	<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.	Folhas	Dores em geral.	Tintura
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. All.	Casca	Tratamento de manchas, úlcera e gastrite.	Chá, Garrafadas e banho.
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Casca	Inflamações e feridas.	Banho
Canela de Perdiz	<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Folhas	Tratamento inflamações e doenças no útero, menopausa.	Banho
Canela de velho	<i>Miconia albicans</i> (SW.) Triana	Folhas	Tratamento de artrose e doenças relacionada a coluna.	Chá
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Extrato	Aliviar inflamações e problemas de pele.	Óleo
Espinheira Santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> Reiss	Folhas	Tratar doenças do fígado e estomago.	Chá
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Casca	Doenças associadas ao aparelho respiratório.	Chá
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Fruto	Tratamento de inflamações.	Óleo
Rabo de Tatu	<i>Centrosema bracteosum</i> Benth.	Raiz	Tratar doenças do fígado e estomago.	Chá
Sucupira	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	Semente	Inflamações.	Gargarejo do chá

A planta que obteve mais citações foi o Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*) relatada por 8 dos 15 entrevistados; seguida da Canela de Velho (*Miconia albicans*), com 6 citações; e a Arnica (*Lychnophora ericoides*), com 4 citações.

5.2.4 Citações bibliográficas relativas às plantas medicinais vendidas nas feiras populares de Samambaia (DF).

Todas as citações dos comerciantes das feiras de Samambaia foram citadas em outros estudos:

Arnica (*Lychnophora ericoides* Mart.)

Na Figura 9 tem-se a Arnica pertence à família das Asteraceae, sendo muito utilizada na medicina popular para o tratamento de escoriações, ferimentos, contusões e dores musculares. As partes utilizadas para o tratamento são as folhas e inflorescência, na forma de tintura ou cataplasma (CUNHA; JÚNIOR, 2010).



Figura 9: Folhas de Arnica (*Lychnophora ericoides* Mart.). Fonte: Autor

Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All.)

A aroeira é uma das principais plantas medicinais conhecidas no Brasil pelo seu uso semicúpio (banho-de-assento), utilizando-se o cozimento da entrecasca (Figura 10). Esta preparação também é utilizada para o tratamento caseiro de afecções cutâneas, problemas do aparelho urinário e respiratório (LORENZI; MATOS, 2002).

Estudos farmacológicos pré-clínico do extrato da entrecasca mostraram significativo efeito antiinflamatório, antiulcerogênica e cicatrizante (LORENZI; MATOS, 2002). Devido à grande utilização da entrecasca da aroeira, principalmente como cicatrizante, essa planta está entre as ameaçadas de extinção, pois a extração da entrecasca não ocorre de maneira sustentável, proporcionando a debilitação e até mesmo a morte do indivíduo.



Figura 10: Cascas de Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All.). Fonte: Autor

Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville)

Barbatimão é uma espécie arbórea nativa do Cerrado que apresenta cerca de 4 metros altura (Figura 11). Dentre as propriedades medicinais apontadas pela literatura, apresenta atividade antibacteriana contra micro-organismos da cárie dental (SOARES et al., 2008); propriedade de cicatrização (COELHO, 2010; HERNANDEZ et al., 2010); combate ao crescimento de *Candida albicans* (ISHIDA et al., 2006), ação sobre o *Trypanosoma cruzi* (HERZOG-SOARES, 2002) e *Leishmania amazonensis*; propriedades contra úlceras (AUDI et al, 1999); combate ao *Herpetomonas samuelpessoai* (HOLETZ et al., 2005) e atividade anti-séptica (SOUZA et al., 2007).



Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*)

Figura 11: Cascas de Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville). Fonte: Autor

Canela de Perdiz (*Croton antisiphiliticus* Mart.)

A Canela de perdiz pertence à família das Euphorbiaceae, é utilizada como depurativa, anti-sifilítica, antiinflamatória, em úlceras, eczemas, contra reumatismo e cancro venéreo (Figura 12). Toda a planta é utilizada principalmente na forma de infusão (CUNHA; JÚNIOR, 2010).



Canela de Perdiz (*Croton antisiphiliticus*)

Figura 12: Folhas de Canela de Perdiz (*Croton antisiphiliticus* Mart.). Fonte: Autor

Canela de velho (*Miconia albicans* (SW.) Triana)

Canela de velho é uma espécie arbórea, pertencente à família Melastomaceae, distribuída principalmente nas regiões tropicais do mundo, abundante na nossa flora, muito comum no Cerrado, com reprodução feita por sementes (Figura 13). É uma árvore que atinge até 3m de altura, que ocorre em vegetação secundária, como afloramentos rochosos e formações costeiras. Seus frutos são pequenos rosados que se tornam verdes durante o amadurecimento, com altos níveis de água e carboidratos, mas baixo teor de proteínas (GORLA; PEREZ, 1977).

Estudos da espécie são escassos e seus compostos isolados tem demonstrado atividade biológica como antimalárica, antitumoral, analgésica e antifúngica (CELOTTO, 2003).



Figura 13: Folhas de Canela de velho (*Miconia albicans* (SW.) Triana). Fonte: Autor

Copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.)

Copaíba é também conhecida popularmente como Panchimouti, Palo de aceite, Cabimo, Copahyba, Copaibarana, Copaíba, Copaibo, Copal, Maram, Marimari e Bálsamo dos Jesuítas e Copaíba-marimari. Seu óleo é indicado no tratamento de: antiblenorrágica, bronquite, cistite, ferida, ferida crônica, herpes, inchação, leucorreia, reumatismo, atividade antiinflamatória, cicatrizante, antiedematogênica antitumoral, tripanossomicida, bactericida. diurético, laxativo, antitetânico, antiblenorroágico, anti-reumático, anti-séptico do aparelho

urinário, antiinflamatório, antitussígeno, cicatrizante e remédio para o combate ao câncer (Figura 14). O bálsamo se destaca por seu excelente odor, e muito maior efeito para curar feridas, e como pós-barba, hidrata, nutre e tonifica a pele. E composta por constituintes químicos como: ácido copálico, sesquiterpenos α -selinene, α -curcumene, beta-farnesene, beta-humulene, beta-selinene, cariofileno, delta-cadinene, gama-cadinene e gama-humulene. A parte utilizada é o óleo e resina (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2001).



Figura 14: Óleo de Copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.). Fonte: Autor

Espinheira Santa (*Maytenus ilicifolia* Reiss.)

Na Figura 15 encontra-se a espinheira-santa, espinheira-divina, cancerosa, cancerosa ou cancosa (BRASIL, 2011), que possui propriedades antiulcerogênicas comprovadas e, essas atividades farmacológicas estão ligadas aos grupos dos taninos e flavonoides (NEGRI, 2007). Também possui atividade antiespasmódica, anti-inflamatória e cicatrizante, entre outras (NASCIMENTO et al., 2005).



Figura 15: Folhas de Espinheira Santa (*Maytenus ilicifolia* Reiss). Fonte: Autor

Jatobá (*Hymenaea courbaril* L.)

Os nativos da Amazônia costumam retirar a seiva o Jatobá (Figura 16) e bebê-la para tratamento das afecções pulmonares, devendo, entretanto, fazê-lo em pequenas doses, pois como é adstringente, causa obstipação intestinal; da casca do caule, pode ser feito chá, pelo método de decocção, para lavar ferimentos e para irrigações vaginais (MARTINS, 1989). Segundo Leonardi (2002), o chá da casca é bom medicamento para a próstata, podendo ser ingerido várias vezes ao dia, e a resina pode ser aplicada em forma de emplastro sobre as partes doloridas do corpo.



Figura 16: Cascas de Jatobá (*Hymenaea courbaril* L.). Fonte: Autor

Pequi (*Caryocar brasiliense* Cambess.)

O óleo do pequi (Figura 17) é rico em ácidos graxos insaturados, sendo também empregada na alimentação e indústria cosmética. Indicado na medicina popular por seus efeitos anti-inflamatório e cicatrizante, no tratamento de doenças respiratórias, úlceras gástricas, dores musculares e reumáticas (MATOS, 2007). Entretanto, esses efeitos ainda necessitam de validação científica.

O óleo extraído da polpa do pequi tem efeito tonificante, sendo usados contra bronquites, gripes e resfriados. Comumente, esse óleo é misturado ao mel de abelha ou à banha de capivara e é usado como expectorante (ALMEIDA et al., 1998). Também é usado para edemas e queimaduras (CHÉVES-POZO, 1997; VIEIRA; MARTINS, 2000). As folhas também são utilizadas para resfriados, gripes e edemas (VIEIRA; MARTINS, 2000). São consideradas adstringentes, além de estimular a produção de bÍlis (CHÉVES-POZO, 1997).



Figura 17: Óleo de Pequi (*Caryocar brasiliense* Cambess.). Fonte: Autor

Rabo de Tatu (*Centrosema bracteosum* Benth.)

O Rabo de tatu (Figura 18) é a espécie com menos estudos encontrados. O estudo feito por Vila Verde et al. (2003), um levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO), mostrou que o rabo-de-tatu tem indicação para afecções hepáticas. Já o estudo realizado por Pinto et al. (2013), um levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no mercado do porto de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, observou-se a aplicação terapêutica do rabo-de-tatu para diabetes.



Figura 18: Raízes de Rabo de Tatu (*Centrosema bracteosum* Benth.). Fonte: Autor

Sucupira (*Pterodon pubescens* Benth.)

Sucupira ou sucupira-do-cerrado tem a casca de árvore, raiz e semente (Figura 19) empregadas na medicina popular como antipirético, depurativo do sangue, diabetes, diarreia, dor de estômago, edema, ferida crônica, gota, hemorragia, herpes, leucorreia, neuralgia, reumatismo, sífilis e tônico. Possui em sua composição química: ácido tânico, amido, genisteína, óleo essencial e resina (MOTA, 2004).



Figura 19: Sementes de Sucupira (*Pterodon pubescens* Benth.). Fonte: Autor

Nota-se que o conhecimento dos feirantes da região de Samambaia é de grande importância para a população.

Questionados sobre o porquê dessas espécies serem as mais procuradas, 5 pessoas afirmaram tratar-se do baixo custo das mesmas; 4 pessoas pelo fato do produto ter rápido efeito; 3 afirmaram que os clientes não confiam em produtos alopáticos; e 3 não souberam responder. Algumas respostas estão transcritas abaixo:

Aqui você vem e com R\$ 5,00 compra o remédio, na farmácia não acha desse preço.

(Feirante 3)

Não tem efeito colateral nenhum, tudo natural.

(Feirante 9)

Os dados se correlacionam com o trabalho de Santos (2004), que afirma que o crescimento do mercado de plantas medicinais ocorre devido a diversos aspectos, como: aumento do interesse das pessoas pelo consumo de produtos naturais; acessibilidade, principalmente para os segmentos sociais de baixa renda; eficácia no tratamento de enfermidades; além de efeitos colaterais muito menores em relação aos medicamentos alopáticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cerrado apresenta ampla variedade de plantas medicinais que auxiliam em diversos tratamentos de enfermidades. Considerando o estudo realizado, constatou-se que a população de Samambaia se beneficia de diversas plantas medicinais do Cerrado para tratamento de várias doenças. Assim sendo, ressalta-se a necessidade de conservação deste bioma devido a sua diversidade e importância medicinal.

Percebeu-se que mesmo com o avanço da medicina moderna, houve aumento desta prática tradicional. As informações dadas pelos entrevistados neste trabalho demonstraram que o conhecimento popular vem sendo transmitido por diversas gerações, principalmente em famílias que comercializam plantas medicinais. O conhecimento a respeito de plantas medicinais vem ganhando novos espaços, principalmente virtual, com a internet promovendo a disseminação desse tipo de conhecimento. Os comerciantes de plantas medicinais desempenham um importante papel socioeconômico; através destes, além das indicações dadas relativas às plantas, tem também o fato de promoverem uma redução dos custos dos medicamentos em relação à medicina alopática.

Essa pesquisa desperta a necessidade de ampliação de estudos químicos e farmacológicos para comprovação laboratorial dos efeitos medicinais das espécies do Cerrado já utilizadas pela população, de modo que o conhecimento tradicional seja reconhecido para o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional de plantas medicinais e de fitoterápicos.

Com o desenvolvimento do trabalho percebe-se que o uso das plantas no processo de cura é de extrema importância. Nesse sentido, há uma necessidade de desenvolver continuidade em trabalhos etnobotânicos na região de Samambaia e do Distrito Federal, levando em consideração a sabedoria da população.

Recomenda-se a ampliação dos estudos com os canais de distribuição de plantas medicinais, visto que a principal forma que se adquire o produto para a venda é através da revenda. Investigar a origem, de como é feita a retirada das plantas medicinais no seu meio natural. E ampliação do estudo com os consumidores, buscando identificar o perfil dos consumidores de plantas medicinais da região.

A casca por ser a parte da planta mais utilizada, justifica-se um trabalho de educação para o manejo das espécies do cerrado utilizadas, já que o manejo inadequado pode levar a

morte da planta e conseqüentemente a extinção. Ensinando técnicas de cultivo de espécies de plantas medicinais do cerrado.

Acredita-se que essa pesquisa foi essencial para o resgate etnobotânico do Distrito Federal, especialmente da Região Administrativa de Samambaia.

7. CONCLUSÃO

- ✓ O levantamento das espécies medicinais do cerrado, comercializadas nas feiras populares de Samambaia, Distrito Federal, mostrou que as plantas mais comercializadas são arnica, aroeira, barbatimão, canela de perdiz, canela de velho, copaíba, espinheira santa, jatobá, pequi, rabo de tatu e sucupira.
- ✓ Com relação às formas de uso para as espécies mais procuradas, destacam-se: chá, garrafada, banho, óleo e tintura; sendo empregado principalmente a casca, folha, fruto, semente e raízes.
- ✓ Quanto ao perfil dos feirantes que comercializam plantas medicinais na Samambaia (DF), observa-se que a maioria é do gênero feminino; encontra-se na faixa etária entre 20 e 59 anos, em sua maioria; comercializa plantas medicinais há pelo menos 10 anos e no máximo 20 anos; se consideram apenas comerciantes ou vendedores e não raizeiros, em grande parte; o conhecimento das propriedades medicinais das plantas comercializadas foi adquirido principalmente através dos pais, deles próprios e de outros vendedores mais experientes; as plantas medicinais comercializados são produtos de revenda apenas, em sua maioria.

8 REFERÊNCIAS

AKERELE, O. Summary of WHO guidelines for assessment of herbal medicines. **Herbal Gram**, v.28, p.13-19, 1993;

ALBUQUERQUE, U.P; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Bot. Bras**, v.16, n.3, p273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U.P. de; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. **16**(Supl.): 678-689, Dez. 2006.

ALMEIDA, M. G. A captura do Cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, M. G. (org.). **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Editora Vieira, 2005, p.115-128.

AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: L.C. Di Stasi (org.). **Plantas medicinais: arte e ciência - Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996. Pp.47-68

AUDI, E. A. et al. **Gastric antiulcerogenic effect of Stryphnodendron adstringens in Rats. *Phytotherapy research***, v. 13, p. 264-266, 2009.

BALICK, M. J.; COX, P. A. Plants, people, and culture: the Science of Ethnobotany. **New York: Scientific American Library**, 1997. 228p.

BORBA, A.M ; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta bot. bras**. 20(4): 771-782. 2006.

BRAGANÇA, A. L. R. **Plantas medicinais antidiabéticas: uma abordagem multidisciplinar**. Niterói: EDUFF; 1996. p.105-22.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira**. Brasília: Anvisa, 2011. 126 p.

CELOTTO, A. C. et al. Evaluation of the in Vitro Antimicrobial Activity of Crude Extracts of Three Miconia Species. **Crops**, p. 339–340, 2003.

CHÉVEZ POZO, O. V. **O pequi (*Caryocar brasiliense*): uma alternativa para o desenvolvimento sustentável do cerrado no Norte de Minas Gerais**. 1997. 97p. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) Universidade Federal de Lavras, Lavras, 1997.

CODEPLAN. **Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – Ceilândia – PDAD 2013**. Brasília: CODEPLAN, 2013.

CODEPLAN. **Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – SAMAMBAIA – PDAD 2015**. Brasília: CODEPLAN, 2015.

COELHO, J. M. et al. O efeito de sulfadiazinina de prata, extrato de ipê-roxo e extrato de barbatimão na cicatrização de feridas cutâneas em ratos. **Rev. Col. Bras. Cir.**, v. 37, n. 1, p. 045-051, 2010.

COTTON, C. M. **Ethnobotany: principles and applications**. New York: Ed. John Wiley & Sons, 1996. p.1-18.

CUNHA, J.M. JÚNIOR, L.B, L. **Etnobotânica e ampliação do conhecimento sobre plantas medicinais em escolas públicas do Distrito Federal**, Anuário da Produção de Iniciação Científica Discente, Vol. 13, N. 20, Ano 2010.

DIAS, B. F. S. **Cerrados: uma caracterização. Alternativas de desenvolvimento dos cerrados**. IBAMA, 1992. p. 11-25.

DIEGUES, A. C. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: **Hucitec**. 1996. 169 p.

ELISABETSKY, E. **New directions in ethnopharmacology.** *Journal of Ethnobiology* 6(1): 121-128. 1986.

ETKIN, N. L. 1988. Ethnopharmacology: Biobehavioral approaches in the antropological study fo indigenous medicines. **Annual Review of Antropology** 17: 23-42.

ETKIN, N. L. 1990. Ethnopharmacology: Biological and behavioral perspectives in the study of indigenous medicines. Pp. 149-158. In: T.M. Johnson; C.F. Sargent (eds.). **Medical antropology: A handbook of theory and method.** New York, Greenwood Press.

FONSECA-KRUEL, S. V.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Bot. Bras.**, v.18, p.177-190, 2004.

FELFILI, J. M.; SILVA JUNIOR, M. C.; FILGUEIRAS, T. S.; NOGUEIRA, P. E. Comparison of cerrado (sensu stricto) vegetation in central Brazil. **Ciência e Cultura** 50 (4): 237-243, 1998.

FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v.8, n.3, p.78-88, 2006.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. de. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**, v. 17, n.4, p. 561-584, 2003.

GORLA, C.M; PEREZ, S.C.J.G.A. **Influência de extratos aquosos de folhas de Miconia albicans Triana, Lantana camara L., Leucaena leucocephala (Lam) de Wit e Drimys winteri Forst, na germinação e crescimento inicial de sementes de tomate e pepino.** **Revista Brasileira de Sementes**, v.19, n.2, p. 261- 266. 1997.

HARVEY, A. L. Natural products in drug discovery. **Drug Discovery Today**. v. 13, n. 19–20, p. 894-901, 2008.

HERNANDEZ, L. et al. **Wound-healing evolution of ointment from *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão) in rat skin.** *Brazilian Journal of Pharmaceutical Science*, v. 46, n. 3, p. 431-437, 2010.

HERRICK, J. W. The symbolic roots of three potent Iroquois medicinal plants. In: ROMANUCCIROSS, L.; MOERMAN, D.E.; TANCREDI, L.R. (eds.). **The antropology of medicine: From culture to method.** South Hadley, J.F. Bergin. p. 134-155, 1983.

HERZOG-SOARES, J. D. et al. **Atividade tripanocida in vivo de *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão verdadeiro) e *Caryocar brasiliensis* (pequi).** *Rev. Bras. Farmacog.*, v. 12, p. 01-02, 2002.

HOLETZ, F. B. et al. **Biological effects of extract of *Stryphnodendron adstringens* on *Herpetomonas samuelpessoai*.** *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, v. 100, n. 4, p. 397-401, 2005.

ISHIDA, K. et al. **Influence of tannins of *Stryphnodendron adstringens* on growth and virulence factors of *Candida albicans*.** *Journal of Antimicrobial Chemotherapy*, v. 58, p. 942-949, 2006.

JOSHI, A. R.; JOSHI, K. Indigenous knowledge and uses of medicinal plants by local communities of the Kali Gandaki Watershed Area, Nepal. **Journal of Ethnopharmacology**, v.73, p.175-83, 2000.

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. A conservação do Cerrado Brasileiro. **Megadiversidade**, v.1, n. 1, jul. 2005, p. 148-155.

LEONARDI, C. R. **Etnofitoterapia regional utilizada pela população de Paranaíta, MT.** 2002. 43f. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual de Mato Grosso, Campus Universitário de Alta Floresta, Alta Floresta, MT.

LORENZI, H. E ABREU MATOS, F. J. **Plantas Medicinais no Brasil.** Editora Plantarum. 2002, 512P.

LORENZI, H. & MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008, 544p.

MACHADO, R. B.; RAMOS NETO, M. B.; PEREIRA, P. G. P.; CALDAS, E. F.; GONÇALVES, D. A.; SANTOS, N. S.; TABOR, K.; STENINGER, M. 2004. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Conservação Internacional, Brasília, DF. 26p.

MACIEL, M. A. M., PINTO A. C.; VEIGA JUNIOR, V. F. **Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares**. Química Nova. 2002; 25(3): 429-38.

MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais: guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil**. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2007.

MARONI, B. C.; STASI, L. C. Di; MACHADO, S. R. **Plantas medicinais do cerrado de Botucatu - Guia ilustrado**. Ed. Unesp. São Paulo, 2006.

MARTINS, A. G.; ROSÁRIO D. L.; BARROS, M. N.; JARDIM, M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 86: 31-30. 2005.

MARTINS, J. E. C. **Plantas medicinais de uso na Amazônia**. 2. ed., Belém – Pará: Cultural CEJUP, 1989. 107p.

MENDONÇA, R.C., J.M. FELFILI, B. M. T. WALTER, M.C. SILVA JUNIOR, A. V. RESENDE, T. S. FILGUEIRAS & P. E. NOGUEIRA, 1998. Flora vascular do Cerrado. In S.M. Sano e S.P. Almeida (editores) **Cerrado: ambiente e flora**. Edições Embrapa, Planaltina, DF, p.228 – 556

MILLIKEN, W.; ALBERT, B. The use of medicinal plants by the Yanomami Indians of Brazil. **Economic Botany** 50(1): 10–25, 1996.

MOTA, D.K.A.de S. **Plantas medicinais indicadas como antiinflamatórias por “raizeiros” da região de Goiânia**. Infarma V.16, no. 1-2. 2004.

NASCIMENTO, V. T.; LACERDA, E. U.; MELO, J. G.; LIMA, C. S. A.; AMORIM, E. L. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Controle de qualidade de produtos à base de plantas medicinais comercializados na cidade do Recife-PE: erva-doce (*Pimpinella anisum* L.), quebra-pedra (*Phyllanthus spp.*), espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart.) e camomila (*Matricaria recutita* L.). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 7, n. 3, p. 56-64, 2005.

NEGRI, M. L. S. **Secagem das folhas de espinheira-santa – *Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reiss. sob diferentes temperaturas e influência nos teores de polifenóis, na atividade antioxidante e nos aspectos microbiológicos.** 2007. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

OLIVEIRA, M. I. C. de e OLIVEIRA, M. B. de. **Identificação, Quantificação e Determinação Estrutural de Óleos Essenciais para Avaliação Farmacológica e Toxicologia.** Disponível em [:http://www.propesq.ufjf.br/seminario/CDSEMINARIO2003/pesq/proj/proj181.htm](http://www.propesq.ufjf.br/seminario/CDSEMINARIO2003/pesq/proj/proj181.htm). Acesso em 12 de outubro 2003.

PAGOTTO, T. C. S.; CAMILOTTI, D. C.; LONGO, J. M.; SOUZA, P.R. 2006. Bioma Cerrado - **Biodiversidade do complexo Aporé-Sucuriú:** subsídios à conservação e manejo do bioma Cerrado. Campo Grande: UFMS. p. 18-30.

PIRES, M. O.; SANTOS, I. M. (ORG.) **Construindo o Cerrado sustentável: experiências e contribuições das ONG's.** Gráfica Nacional, Goiás, 2000. 147p.

PINTO, A. Z. L.; ASSIS, A. F. S.; PEREIRA, A. G.; PASA, M. C. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no mercado do porto de Cuiabá,** Mato Grosso, Brasil. Flovet, n. 5, dez 2013.

PINTO, E. P. P.; AMAROZO, M. C. M.; FURLAN, A. **Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré-BA.** Acta. Bot. Bras., v. 20, n. 4, p. 751-762, 2002.

PINTO, M. P.; DINIZ FILHO, J.A.F. **Biodiversidade no Cerrado**. In: ALMEIDA, M. G. (org.). *Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural*. Goiânia: Editora Vieira. 2005.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Revista Economic Botany**, v.47, n.1, p.15-32, 1993.

RATTER, J. A., BRIDGEWATER, S.; RIBEIRO, J. F. Analysis of the floristic composition of the Brazilian cerrado vegetation III: comparison of the woody vegetation of 376 areas. **Edinb. J. Bot.** **60**(1):57-109. 2003.

REIS, M. S. Manejo sustentado de plantas medicinais em ecossistemas tropicais. In: DI STASILL, C. (Org.). **Plantas medicinais: arte se ciência – um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP. P. 199-215, 1996.

RIBEIRO, R. S. C.; MIRANDA, A. F.; GUARIM NETO, G. **Etnoecologia e recursos vegetais na comunidade ribeirinha de Passagem da Conceição, Várzea Grande, MT..** Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) - Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

RODRIGUES, M. T. A biodiversidade dos cerrados: conhecimento atual e perspectivas, com uma hipótese sobre o papel das matas de galeria na troca faunística durante o ciclo climático. In: SCARIOT, A.; SOUSA-SILVA, J. C.; FELFILI, J. M. (Orgs.) **Cerrado: ecologia, biodiversidade e conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p.237-246.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do Cerrado na região do Alto Rio Grande - Minas Gerais. **Revista Ciência e Agrotecnologia**, v. 25, p.102-123, 2001.

SANSEVERINO M. T. V.; SPRITZER, D. T.; SCHULER-FACCINI, L. (Org.). **Manual de Teratogênese**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, pp. 423-450, 2001.

SANTOS, K.S. O mercado de plantas medicinais. **Cesubra Scientia**. Volume 1, Nº 1, 2004
ISSN 1807-4855.

SILVA, C. S. P.; PROENÇA, C. E. B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 22, n. 2, p.481-492. Belo Horizonte. 2008.

SHIKI, S.; SILVA, J. G.; ORTEGA A. C. (Orgs.). **Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do cerrado brasileiro**. UFU, Uberlândia. 1997, 372 P.

SOARES, P. S. et al. Atividade antibacteriana do extrato hidroalcoólico bruto de *Stryphnodendron adstringens* sobre microorganismo da cárie dental. **Rev. Odonto. Cienc.**, v. 23, n. 2, p. 141-144, 2008.

SOUZA, W. M. et al. Ação da ulceína sobre a produção de óxido nítrico em células RAEC e B16F10. **Rev. Bras. de Farmacog.**, v. 17, n. 2, p. 191-196, 2007.

VEIGA JUNIOR, V. F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Rev. Bras. Farmacogn.**, v. 18, n. 2, p. 308-313, 2008.

VIEIRA, R.F.; MARTINS, M.V.M. Recursos genéticos de plantas medicinais do Cerrado: uma compilação de dados. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 3, n.1, p.13-36, 2000.

VIERTLER, R.B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em etnobiologia e etnoecologia. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro, UNESP/CNPq. 2002. p. 12-29.

VILA VERDE, G. M.; PAULA, J. R.; CANEIRO, D. M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 13, p. 64-66, 2003.

YUNES, R. A.; PEDROSA, R. C.; FILHO, V. C. Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil. **Química Nova**, v.24, n.1, p. 147-152, 2001.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO

Identificação do colaborador

1. Nome: _____

2. Gênero

2.1. Feminino

2.2. Masculino

3. Faixa etária

3.1. Jovem (0 a 19 anos)

3.2. Adulto (20 a 59 anos)

3.3. Idoso (60 adiante)

Perfil do mercado

4. Considerando que o sr. (a) vende plantas medicinais, o sr. (a) se considera:

4.1. Vendedor

4.2. Raizeiro

4.3. Outro

4.4. Não sabe

4.5. Não respondeu

5. Há quanto tempo o sr. (a) trabalha com plantas medicinais ? _____

6. Como o sr. (a) aprendeu sobre a medicina das plantas?

6.1. Família

6.1.1. Quem ensinou? _____

6.2. Escola/ Curso

6.3. Sozinho

6.4. Outro. Qual? _____

6.5. Não sabe

6.6. Não respondeu

7. O (A) sr. (a) trabalha com cultivo/coleta das plantas medicinais ou só revende?

7.1. Cultivo/coleta e Revendo

7.2. Cultivo/coleta

7.3. Revendo

7.4. Não sabe

7.5. Não respondeu

8. O (A) sr. (a) vende mais para homem ou para mulher?

8.1 Homem

8.1.1. Jovem (0 a 19 anos)

8.1.2. Adulto (20 a 39 anos)

8.1.3. Adulto (40 a 59 anos)

8.1.4. Idoso (60 anos adiante)

8.2 Mulher

8.2.1. Jovem (0 a 19 anos)

8.2.2. Adulto (20 a 39 anos)

8.2.3. Adulto (40 a 59 anos)

8.2.4. Idoso (60 anos adiante)

8.3. Não sabe

8.4. Não respondeu

9. Entre as espécies que o sr. (a) vende, quantas são medicinais?

9.1. De 1 a 15 espécies

9.2. De 16 a 30 espécies

9.3. De 31 a 45 espécies

9.4. Mais de 45 espécies

9.5. Não sabe

9.6. Não respondeu

10. Desde quando o sr. (a) começou a trabalhar com as plantas medicinais, o (a) sr. (a) percebeu se a procura aumentou ou diminuiu?

- 10.1. () Aumentou
- 10.2. () Diminuiu
- 10.3. () Não alterou
- 10.4. () Não sabe
- 10.5 () Não respondeu

Registro das plantas mais vendidas

11. Planta 1

- 11.1. Parte usada?
- 11.2. Indicação?
- 11.3. Forma de preparar
- 11.4. Duração do tratamento

12. Planta 2:

- 12.1. Parte usada?
- 12.2. Indicação?
- 12.3. Forma de preparar
- 12.4. Duração do tratamento

13. Planta 3:

- 13.1. Parte usada?
- 13.2. Indicação?
- 13.3. Forma de preparar
- 13.4. Duração do tratamento

14. Planta 4:

- 14.1. Parte usada?
- 14.2. Indicação?
- 14.3. Forma de preparar
- 14.4. Duração do tratamento

15. Planta 5:

15.1. Parte usada?

15.2. Indicação?

15.3. Forma de preparar

15.4. Duração do tratamento

16. Alguma ideia do porque essas plantas/espécies são mais procuradas?
